

A INFLUÊNCIA DE VYGOTSKY NO DISCURSO LINGUÍSTICO PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

Edna Misseno Pires¹

Universidade Federal de Goiás

Ana Flávia Teodoro de Mendonça Oliveira²

Universidade Federal de Goiás

Eixo temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

O discurso educacional brasileiro para surdos contempla a proposta de educação bilíngue, por isso, a discussão sobre a educação de surdos atualmente se torna tão necessária e fundamental. Nesse sentido, o presente artigo, que é um recorte da pesquisa de doutorado, tem como objetivo analisar a influência de Vygotsky no discurso linguístico para educação de surdos no Brasil. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática da literatura, no período de 1995 a 2015. Para a obtenção de teses e dissertações foi utilizado o descritor “educação de surdos” usando como base de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Outrossim, foi compilado um total de 151 trabalhos, entre teses e dissertações, sendo 51 teses e 100 dissertações. Dos 151 trabalhos identificados foram selecionados 25 trabalhos que abordam especificamente os aspectos teóricos e metodológicos da educação de surdo. Assim, concluímos que o pensamento educacional brasileiro está pautado em três discursos: linguístico, político e cultural. Porém, neste artigo atentaremos em explorar a influência de Vygotsky no discurso linguístico visto que dos 25 trabalhos analisados o autor Vygotsky foi citado em 14 trabalhos, totalizando 26 citações. Representando o autor clássico que influencia o pensamento educacional brasileiro para educação de surdos. Os estudos de Vygotsky serviram como argumentos para ideia de que os surdos são capazes de estabelecer relações entre o pensamento e a linguagem, contribuindo para os estudos no campo linguísticos desta área culminando no reconhecimento da língua de sinais com língua.

Palavras-Chave: Surdez, bilinguismo e educação de surdos.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Católica de Goiás- (PUC) - Professora na Faculdade de Educação (UFG) - edna.missenopires@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pernambuco – (UFPE) Professora da Faculdade de Educação (UFG) anaflavia_teodoro@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A tendência dos estudos sobre a educação de surdos no Brasil do ponto de vista pedagógico e linguístico está pautada na aquisição da língua de sinais como uma língua natural para os surdos. A luta pelo reconhecimento da língua de sinais como uma língua que possui status linguísticos como a demais língua está ligada à vertente linguística. Embora essa ideia permeie também as vertentes política e cultural do pensamento educacional brasileiro.

O discurso linguístico é compartilhado por vários autores, tais como Skliar (2015) e Quadros; Karnopp (1997, 2004). Os referidos autores defendem o bilinguismo como uma proposta em que a língua de sinais é usada para a mediação de conhecimentos e a língua oral utilizada na modalidade escrita atua como segunda língua. Esse pensamento educacional busca apoio nas ideias de Vygotsky sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem das crianças, uma vez que a aquisição da língua de sinais pelas crianças surdas perpassa o mesmo processo de desenvolvimento. Os autores das pesquisas analisadas apresentaram argumentos sobre a relação pensamento e linguagem com apoio em Vygotsky para abordar a importância do contato com a língua para o desenvolvimento intelectual e o papel da mediação no processo de aquisição do conhecimento.

O bilinguismo para surdos também está inteiramente associado às competências cognitivas e linguísticas de uma criança. Nesse sentido, Lorenzini (2004) faz algumas considerações:

A deficiência auditiva não inibe as competências linguísticas e cognitivas da criança surda.

A competência Linguística e cognitiva é independente do canal oral-auditivo.

A língua de sinais é considerada a primeira língua da criança surda e, portanto exerce papel determinante no desenvolvimento comunicativo e cognitivo da criança.

Os surdos adultos cumprem um papel fundamental dentro do ambiente escolar tanto no que se refere ao modelo linguístico para aquisição da língua de sinais como a um modelo afetivo, social e cultural.

A criança surda deveria também conhecer uma segunda língua para poder integrar-se desta forma num mundo bilíngue e bicultural (LORENZINI, 2004, p. 31).

Embora o bilinguismo proponha o ensino da língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua oral (L2) como segunda língua na modalidade escrita, Quadros (1997) esclarece que existem formas de bilinguismo:

Quanto às formas de bilinguismo existentes em termos de educação de surdos, pode-se citar duas básicas: uma delas envolve o ensino da segunda quase que concomitante à aquisição da primeira língua e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira língua (QUADROS, 1997, p. 30).

Para crianças surdas a aprendizagem da L2, que não seja outra língua de sinais, ocorre sistematicamente na modalidade escrita, somente depois que a língua de sinais foi oferecida como sua primeira língua, ou seja, L1.

Diante dos desafios do ensino bilíngue para surdos, cabe aos profissionais que estão diretamente em contato com os surdos, reconhecerem tal complexidade, bem como as características das línguas de sinais (QUADROS, 1997, p. 65). Sendo assim, a autora incentiva os profissionais a adquirirem a língua de sinais para efetivar a proposta bilíngue no Brasil.

De acordo com Quadros (1997), é a vertente linguística que comprova a existência de uma língua, e, a partir desse pressuposto, as pessoas surdas passaram a reivindicar seus direitos linguísticos que culminaram em leis e políticas públicas para regulamentar a abordagem bilíngue no Brasil.

A vertente linguística de pensamento está claramente exposta nas pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil e os argumentos linguísticos tem impulsionado o movimento em prol da educação bilíngue para surdos., este pensamento tem influência das pesquisas de Vygotsky que fez uma análise psicológica sobre a inter-relação entre o pensamento e a linguagem, apresentando conceitos, processos e etapas sobre o desenvolvimento intelectual humano e se dispôs a realizar um estudo profundo sobre esse tema, levantando alguns questionamentos e criticando a forma de analisar o desenvolvimento do pensamento humano isoladamente. Os estudos de Vygotsky serviram como argumentos para ideia de que os surdos são capazes de estabelecer relações entre o pensamento e a linguagem, contribuindo para os estudos no campo linguísticos desta área culminando no reconhecimento da língua de sinais com língua.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico com revisão sistemática da literatura, no período de 1995 a 2015 de teses e dissertações que tratam da temática da educação de surdos. Para obtenção das teses e

dissertações foi utilizado o descritor “educação de surdos” usando como base de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Foram selecionados 25 trabalhos entre teses e dissertações que abordavam especificamente os aspectos teóricos e metodológicos da educação de surdo. Foi compilado um total de 151 trabalhos, entre teses e dissertações, sendo 51 teses e 100 dissertações. Conforme a tabela 1:

Tabela 1 - Quantitativo de Teses e dissertações por período

PERÍODO	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
1995 - 1999	8	4	12
2000 - 2004	2	14	16
2005 - 2009	46	11	57
2010 - 2015	44	22	66
TOTAL	100	51	151

Fonte – Banco de Teses e Dissertações da CAPES, período 1995 a 2015.

Depois de ler os resumos de cada tese trabalhos identificados foram selecionados 25 trabalhos entre teses e dissertações que abordavam especificamente os aspectos teóricos e metodológicos da educação de surdo. foi necessário acessar cada tese e dissertação selecionada nesta pesquisa para verificar quantas obras do mesmo autor foram utilizadas e qual a obra mais citada deste autor.

Os autores mais citados nos trabalhos selecionados estão listados na Tabela 2.

Tabela 2 - Autores mais citados e quantidade de trabalhos em que houve citação – 1995 a 2015

AUTORES MAIS CITADOS					
AUTOR	Nº OBRAS CITADAS	AUTOR	Nº OBRAS CITADAS	AUTOR	Nº OBRAS CITADAS
BAKHTIN	7	FERREIRA	11	QUADROS	15
BEHARES	6	GÓES	11	SÁ	9
BERNARDINO	6	GOLDFELD	10	SACKS	15
BOTELHO	7	GOMES	6	SKLIAR	20
BRASIL	14	GUARINELLO	7	SOARES	10
BRITO	8	KARNOPP	8	SOUZA, R. M.	8
BUENO	6	LACERDA	14	STROBEL	7
CAPOVILLA	8	LOPES	7	VYGOTSKY,	14
CARVALHO	6	MACHADO	7		

CICCONE	8	MARTINS	6
COSTA	7	MENDES	6
DIAS	6	MOURA	8
DORZIAT	6	OLIVEIRA, L	9
FELIPE	10	PEREIRA	6
FERNANDES	11	PERLIN	14

Fonte – Produção da autora (PIRES, 2017).

Embora o pensamento educacional brasileiro para educação de surdos esteja pautado na vertente política, cultural e linguística. Este artigo conforme já expresso, é um recorte da tese de doutorado cujo título: **“O Estado do conhecimento sobre a educação de surdos: O discurso educacional brasileiro e o internacional”** e tem como objetivo analisar a influência de Vygotsky no pensamento linguístico presente no Brasil. Visto que Vygotsky foi citado em 14 trabalhos, totalizando 26 citações, sendo que a obra mais citada foi *Pensamento e Linguagem*, publicado pela Editora Martins Fontes, com 7 reedições.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os autores dos 25 trabalhos analisados sob a categoria “Educação de surdos” apropriaram-se dos estudos teóricos de Vygotsky, na vertente linguística, como argumento para a utilização da língua de sinais na educação de surdos. Vygotsky (1989) trata da análise psicológica sobre a inter-relação entre o pensamento e a linguagem, apresentando conceitos, processos e etapas sobre o desenvolvimento intelectual humano e se dispôs a realizar um estudo profundo sobre esse tema, levantando alguns questionamentos e criticando a forma de analisar o desenvolvimento do pensamento humano isoladamente:

Os métodos de análise atomístico e funcionais, predominantes na última década, trataram os processos psíquicos isoladamente. Métodos de pesquisa foram desenvolvidos e aperfeiçoados com a finalidade de estudar funções isoladas, enquanto sua interdependência e sua organização na estrutura da consciência como um todo permaneceram foras do campo de investigação (VYGOTSKY, 1989, p. 1).

Segundo Vygotsky (1989, p. 104), “Uma palavra sem significado é um som vazio, que não faz parte da fala humana [...] e por isso a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante e intercâmbio social”.

A função da fala é comunicar, e esse ato comunicativo tende a se desenvolver em contato com o meio. A fala interior não é a reprodução da fala na memória com ausência de som, mas consiste na tradução do pensamento em palavras (VYGOTSKY, 1989).

Vygotsky (1989) defende que a formação de conceitos é um processo criativo que se inicia na infância. À medida que o indivíduo interage com o meio, obtém experiências e amadurece biologicamente, desenvolvendo as funções intelectuais básicas. Esse “meio” a que o autor se refere é o contexto “histórico cultural”.

Vygotsky faz uma análise do desenvolvimento dos significados das palavras desde a infância, destacando a importância das experiências vividas na evolução do pensamento e da linguagem. E destaca a teoria chamada histórico-social, fornecendo dados para a compreensão de que habilidades cognitivas são resultantes de experiências e de hábitos da cultura em que o indivíduo está inserido, de modo que, a história da criança influencia no desenvolvimento do seu pensamento, entendendo que a relação do pensamento e a linguagem tem clara relação com o desenvolvimento intelectual (VYGOTSKY, 1989).

A formação de conceitos é definida, na concepção de Vygotsky, da seguinte forma:

A criança pequena dá seu primeiro passo para a formação de conceitos quando agrupa alguns objetos numa *agregação desorganizada* ou “amontoado”. Para solucionar um problema que nós, adultos, normalmente resolveremos com a formação de um novo conceito [...] Neste estágio, o significado das palavras denota, para a criança, nada mais do que um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que de uma forma ou de outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente [...] Na segunda fase mais importante para a formação de conceitos abrange muitas variações de um tipo de pensamento que chamaremos de *pensamento por complexos* [...] trata-se de uma nova aquisição, uma passagem para um nível mais elevado (VYGOTSKY, 1989, p. 51-52).

Para Vygotsky (1989, p. 108), o pensamento e a linguagem são resultados de um movimento contínuo de vai e vem entre a palavra e o pensamento, por isso a aquisição da língua permite ao indivíduo agir sobre o mundo que o cerca. Para ele a criança conhece o mundo por meio da língua.

Nos trabalhos analisados nesta pesquisa, Vygotsky aparece como autor internacional que mais influencia o pensamento educacional brasileiro por representar maior número de citações nestes trabalhos. As pesquisas utilizaram ou se apropriaram das ideias de Vygotsky para explicar a aquisição da linguagem das crianças surdas pelo canal viso-motor, ou seja, a língua de sinais.

Os autores das pesquisas analisadas apresentaram argumentos sobre a relação pensamento e linguagem, a importância do contato com a língua para o desenvolvimento intelectual e o papel da mediação no processo de aquisição do conhecimento. O Quadro 1 oferece uma visualização de como os autores, com base nas ideias de Vygotsky, apropriam-se das ideias para argumentar em favor da educação bilíngue para surdos com o foco na língua:

Quadro 1- Demonstrativo das citações dos pesquisadores em educação de surdos utilizando o autor Vygotsky para justificar o bilinguismo como proposta pedagógica – 1995 a 2015

Referência	Citação
LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos. Universidade Estadual de Campinas / SP (Tese de 1996)	Historicamente, a linguagem mimico-gestual e a datilologia, chamadas também de linguagem sistemática de signos por Vygotsky, se apresentam como alternativas para o acesso do surdo à linguagem. Ambas, segundo o autor, em um texto de 1924 são infinitamente mais fáceis para o surdo, porque a linguagem gestual é a sua linguagem natural, enquanto a língua falada pode ser considerada anti-natural' para ele. [...] Ao mesmo tempo se pode pensar na proposta de Vygotsky endereçando para a abordagem bilíngue (o surdo como "poliglota" onde o domínio da língua de sinais permitiria o acesso à língua majoritária naquilo que Vygotsky chamou de poliglossia).
NÓBREGA. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da. Libras, pra quê te quero? A apropriação dos multiletramentos por surdos do Letras/Libras. Universidade Católica de Pernambuco – Recife. (Dissertação de 2015)	[...] Vygotsky (1998) aponta para uma estreita relação entre o pensamento e linguagem. [...] esse processo só é possível porque partilhamos um sistema, um código que é comum a todos que participam de uma mesma comunidade, fato que possibilita à espécie humana transitar no mundo simbólico, abstrato, sair do mundo concreto, da intermediação direta através de instrumentos para uma mediação simbólica através dos signos Esta constatação possibilitou, posteriormente, que estudos ligados à área da surdez (GOÊS, 1996, 2000) mostrasse que o déficit conceitual dos surdos, não era consequência da surdez, mas da ausência de uma língua que pudessem adquirir naturalmente, isto é, a língua de sinais [...] no caso dos surdos podemos dizer que a ausência desta língua acaba por prejudicar a construção da sua subjetividade.
RAZUCK, R. C. S. R. A pessoa surda e suas possibilidades no processo de aprendizagem e escolarização. Tese de	Vygotsky, que nos diz: "onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, ... o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades..., não atinge as formas superiores..." (VYGOTSKY, 2001, p. 171). Evidentemente, os meios oferecidos

doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. (Tese de 2011)	para possibilitar o desenvolvimento da tarefa também são importantes nesse processo. Sem os meios que possibilitem a resolução da tarefa, o indivíduo pode não conseguir prosseguir e assim acabar por desistir, por não ter com o que operar intelectualmente isto nos leva, mais uma vez, a refletir sobre o processo de educação dos surdos. Será que tais alunos surdos realmente têm um acesso a Libras que os permita a articulação necessária entre pensamento e linguagem?
SCHIAVON, Daiane Natalia Prática pedagógica com alunos surdos: sala de recursos e classe comum / Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – (Dissertação de 2012).	[...] Vygotsky ressalta que a linguagem tem um papel decisivo na formação dos processos mentais da criança, sendo um fator de vital importância para o desenvolvimento de aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Percebe esta como função reguladora do pensamento, ou seja, é através dela que a criança reelabora suas ideias suas ideias (VYGOTSKY, 1993). [...] Em vista disso para que o desenvolvimento de uma criança surda se dê de maneira semelhante ao de uma criança ouvinte “aquela deve ter contato com interlocutores que lhe insiram em relações sociais significativas por meio da linguagem e, neste caso, por meio de uma língua que lhe seja acessível visualmente: a língua de sinais” (LODI, 2009, p. 34). [...] Na abordagem bilíngue é proposto que o surdo se aproprie da Língua de Sinais como primeira língua e secundariamente que seja aprendida a língua majoritária, para que a interação flua e a criança surda seja exposta o mais precocemente possível à Língua de Sinais (SCHIAVON, dissertação de 2012).

Fonte - Teses e Dissertações selecionadas no BTDC – 1995 a 2015.

Ao analisar os trabalhos selecionados, observa-se que há a tendência para se pensar o bilinguismo na educação de surdos com a ênfase apenas no uso da língua de sinais, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Argumentos dos pesquisadores em educação de surdos com ênfase no uso da língua de sinais para justificar o bilinguismo como proposta pedagógica – 1995 a 2015

Citações
[...] o déficit conceitual dos surdos, não era consequência da surdez, mas da ausência de uma língua que pudessem adquirir naturalmente, isto é a língua de sinais [...] no caso dos surdos podemos dizer que a ausência desta língua acaba por prejudicar a construção da sua subjetividade (NÓBREGA, 2015, p. 25 e 27).
[...] Na abordagem bilíngue é proposto que o surdo se aproprie da Língua de Sinais como primeira língua e secundariamente que seja aprendida a língua majoritária, para que a interação flua e a criança surda seja exposta o mais precocemente possível à Língua de Sinais [...] (SCHIAVON, 2012, p. 44).
[...] Será que tais alunos surdos realmente têm um acesso a Libras que os permita a articulação necessária entre pensamento e linguagem? (RAZUCK, 2011, p. 94).

Fonte - Teses e Dissertações selecionadas no BTDC – 1995 a 2015.

Esses argumentos ressaltam que, sem acesso a língua de sinais, os surdos teriam dificuldades de articular o pensamento e a linguagem, porém entende-se que é necessário muito mais que o acesso à língua, é preciso estabelecer um

plano de trabalho em que a língua seria o meio de instrução para alcançar os objetivos propostos.

Ao falar de crianças com deficiência, Vygotsky (1989) afirma que, para que a criança atinja o mesmo nível de uma criança sem deficiência, é preciso aplicar métodos totalmente particulares, porque o uso dos mesmos meios propostos pela escola regular seria um erro. Para isso, a escola deve conhecer o aluno e traçar um plano de trabalho condizente com sua particularidade.

Ao se referir à criança com deficiência sensorial, Vygotsky (1989) ressaltava que a criança surda tem seu desenvolvimento apoiado também no aspecto visual. Dessa forma, compreende-se que educação de surdos envolve também adaptações curriculares com apoio em recursos visuais que iria além da língua. Compreende-se, assim, a ênfase nos aspectos do uso da língua de sinais observada nos trabalhos analisados nesta pesquisa, embora fossem somente sobre a temática educação de surdos, precisamente com ênfase em estratégias pedagógicas.

Em todos os 25 trabalhos pesquisados, a questão linguística é ressaltada, quase exclusivamente, como a única estratégia pedagógica, embora em alguns trabalhos haja o reconhecimento de que a educação de surdos envolve demais questões pedagógicas. O quadro 3 demonstra a ênfase ao uso da língua de sinais com estratégia pedagógica na educação dos surdos.

Quadro 3- Demonstrativo das citações dos pesquisadores em educação de surdos com ênfase no uso da língua de sinais na proposta do bilinguismo

Citações
[...] ou seja, os professores que tomam conhecimento desses debates e que trabalham com alunos surdos na escola acreditam que o bilinguismo é uma proposta educacional que se restringe somente a tornar acessível ao surdo duas línguas: a língua de sinais e o português (LIMA, 2004, p. 48).
[...] Considerando-se apenas a Libras, é provável que as crianças surdas continuem a fracassar nesse currículo. Na verdade, o currículo deveria se orientar pelas questões sociais, políticas e culturais da comunidade surda (SKLIAR, 1999; TARTUCI, 2005; PEDROSO, 2006, p. 42).
[...] Mas para ser uma escola bilíngue não basta ter duas línguas, Libras e Português, convivendo no mesmo espaço escolar: É necessário que essas escolas e os estudiosos da área reflitam, também, sobre a qualidade do bilinguismo que está sendo oferecido aos surdos (NÒBREGA, 2015, p. 53).

Fonte - Teses e Dissertações selecionadas no BTDC – 1995 a 2015.

O fato de que, na maioria dos trabalhos, a vertente linguística com apoio dos estudos de Vygotsky aparece com o foco na língua de sinais como meio de trabalhar os conteúdos escolares justifica-se pelo advento de que, no Brasil, o movimento em prol do reconhecimento da língua de sinais, como uma língua que possui características e status linguísticos, ocorreu principalmente no final da década de 1980, e essa ideia foi compartilhada por diversos autores na década de 1990, culminando no reconhecimento legal somente no início do século XXI com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.

No Brasil, embora haja o reconhecimento legal, ainda há necessidade de valorizar a língua de sinais que ainda é desconhecida pela maioria das pessoas. Justifica-se, dessa forma, o fato de os trabalhos possuir o foco no reconhecimento da língua de sinais na educação dos surdos.

Compreende que os trabalhos analisados nesta pesquisa sobre educação de surdos buscaram a valorização da língua de sinais, o que justifica a pouca ênfase em outras questões pedagógicas, que envolvem a educação de surdos, pois o objetivo primeiro é de dar visibilidade a essa língua e conquistar o espaço que lhe foi tirado durante anos pela imposição *ouvintista*³, para, depois, reorganizar o espaço escolar.

Na vertente linguística, utilizam Vygotsky para explicar que a linguagem possui um papel decisivo na formação dos processos mentais da criança surda e, por isso, ela deve ser exposta a língua de sinais precocemente. Os argumentos, na maioria das vezes, giram em torno da defesa da aquisição de duas línguas pelo surdo: a língua de sinais como língua materna e a língua oral na modalidade escrita como segunda língua.

Os movimentos das pessoas surdas sinalizam para mudanças imediatas na forma em que esse bilinguismo tem sido implantado nas escolas, pois ele está repleto de lacunas que ainda precisam ser preenchidas e há um longo do caminho ainda a percorrer neste século XXI.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ O termo “*ouvintismo*” utilizado por Skliar (2015): Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte

Os autores dos 25 trabalhos analisados sob a categoria “Educação de surdos” apropriaram-se dos estudos teóricos de Vygotsky, na vertente linguística, como argumento para a utilização da língua de sinais na educação de surdos. Para Vygotsky o pensamento e a linguagem são resultados de um movimento contínuo de vai e vem entre a palavra e o pensamento, por isso a aquisição da língua permite ao indivíduo agir sobre o mundo que o cerca, porém, Vygotsky destaca a teoria chamada histórico-social, fornecendo dados para a compreensão de que habilidades cognitivas são resultantes de experiências e de hábitos da cultura em que o indivíduo está inserido. Por isso, os aspectos políticos, sociais, culturais, psicológicos, linguísticos, antropológicos, dentre outros, são fatores cruciais que podem estar também relacionados com a condição bilíngue de um sujeito.

Em todos os trabalhos, observou-se unanimidade quanto à ideia do bilinguismo na educação de surdo. Essa ideia está atrelada principalmente às questões linguísticas, em especial ao uso da língua de sinais para mediar os conteúdos do currículo escolar. Alguns poucos trabalhos focalizaram em apresentar as estratégias com adaptações curriculares.

O fato de que a maioria dos trabalhos na vertente linguística aparece com o foco na língua de sinais, como meio de trabalhar os conteúdos escolares, justifica-se pelo advento de que, no Brasil, o movimento em prol do reconhecimento da língua de sinais, como uma língua que possui características e status linguístico se este reconhecimento só veio com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.

No Brasil, embora haja o reconhecimento legal, ainda há necessidade de reconhecimento social e a língua de sinais aparece desconhecida pela maioria das pessoas. Justifica-se, dessa forma, o fato de que as pesquisas nesse campo no Brasil ainda possuem o foco no uso da língua de sinais e utilizarem os argumentos de Vygotsky na educação dos surdos com o objetivo de dar visibilidade à língua e às pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. de A. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores**. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS. 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>.
- _____. Secretaria de Educação Especial. Organizado por Giuseppe Rinaldi et al. **Deficiência auditiva**. Brasília: SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas; n. 4).
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte: examinado a construção de conhecimentos**. Tese de doutorado pela Universidade Estadual de Campinas / SP-1996
- LIMA, M. S. C. **Surdez, bilingüismo e inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. 2004. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- LORENZINI, N. M. P. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- MERSELIAN, K. T. **Análise do processo de inclusão de alunos surdos em uma escola municipal de Arapongas**. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- NÓBREGA, A. M. Z. P. C. da. **Libras, pra quê te quero? A apropriação dos multiletramentos por surdos do Letras/Libras**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- PEDROSO, C. C. A. **O aluno surdo no ensino médio da escola pública: o professor fluente em Libras atuando como intérprete**. Tese (Doutorado em

Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Estudos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAZUCK, R. C. S. R. **A pessoa surda e suas possibilidades no processo de aprendizagem e escolarização**. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2011.

SCHIAVON, D. N. **Prática pedagógica com alunos surdos**: sala de recursos e classe comum. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

SILVA, S. G. de L. da. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: das políticas as práticas pedagógicas. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

_____. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.